OUTROS MODOS DE VER E FAZER VER A INFÂNCIA E A DOCÊNCIA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Erinaldo Alves do Nascimento / Universidade Federal da Paraíba
Maria Emilia Sardelich / Universidade Federal da Paraíba

RESUMO
Este trabalho apresenta duas investigações, realizadas pelo Grupo de Pesquisa em Ensino das Artes Visuais (GPEAV), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que podem ser consideradas experiências de investigação baseadas nas artes. A primeira, intitulada "*Um mundo encanta/dor nas visualidades da educação infantil*", analisou as imagens expostas nas paredes da Escola Básica da UFPB. "*Imagens da docência: outros modos de ver, ver-se na e fazer ver a profissão*", foi realizada com estudantes da Licenciatura em Pedagogia, no componente curricular de Didática, também da UFPB. Ambas as investigações preocupam-se com a análise de imagens e seus efeitos de subjetivação. As pesquisas indicam que as imagens materializam o discurso pedagógico, revelando concepções renitentes de infância e conflituosas sobre a profissão docente.

PALAVRAS-CHAVE
Imagens; infância; docência; subjetivação; educação.

RESUMEN
Este trabajo presenta dos investigaciones realizadas por el Grupo de Pesquisa em Ensino das Artes Visuais (GPEAV), de la Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que pueden ser consideradas como experiencias de investigación basadas en las artes. La primera, titulada "Un mundo encanta/dolor en las visualidades de la educación de la primera infancia", analizó las imágenes exhibidas en las paredes de la Escuela Básica de la UFPB. "Imágenes de la docencia: otros modos ver, ser visto y hacer ver la profesión", se llevó a cabo con estudiantes de Pedagogía, en la asignatura de Didáctica, también en la UFPB. Ambas discuten sobre las imágenes y los efectos de subjetivación. Las investigaciones indican que las imágenes materializan el discurso pedagógico y revelan concepciones renitentes de la infancia y conflictivas de la profesión docente.

PALAVRAS CLAVE
Imágenes; infancia; docencia; subjetivación; educación.

Introdução

Este trabalho sintetiza duas investigações, realizadas pelo Grupo de Pesquisa em Ensino das Artes Visuais (GPEAV), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV/UFPB/UFPE), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Foram feitas em momentos diferentes – em 2012 e 2013 – e com propósitos distintos, no interior da UFPB.

A primeira pesquisa, intitulada *"Um mundo encanta/dor nas visualidades da educação infantil"*, analisou as imagens expostas nas paredes do setor de Educação Infantil, na Escola Básica, da UFPB. Esta foi liderada pelo Prof. Dr. Erinaldo Alves do Nascimento (DAV/UFPB), em parceria com a Profa. Ms. Idália Beatriz Lins de Sousa (IFPB) e com a Profa. Ms. Clícia Tatiana Alberto Coelho, professora do Ensino Básico do Amapá/PA.

"Imagens da docência: outros modos de ver, ver-se na e fazer ver a profissão", estudo sob a liderança da Profa. Dra. Maria Emilia Sardelich (DME/UFPB), foi realizada com e entre estudantes da Licenciatura em Pedagogia, do quarto período do curso, no segundo semestre de 2013.

As duas pesquisas preocupam-se com o poder das imagens e seus efeitos de subjetivação. Ambas podem ser consideradas como experiências de investigação baseadas nas artes. A pesquisa que versa sobre a infância, a partir das imagens expostas nas paredes da Escola Básica da UFPB, não se preocupou em verificar as narrativas que essas imagens provocam entre quem as produziu. A ênfase residiu na materialidade da imagem e a sua vinculação com o discurso pedagógico da instituição. O estudo sobre as imagens da docência priorizou o fazer ver as narrativas que as imagens – selecionadas pelos estudantes de Pedagogia para representar a profissão – fazem circular entre seus visualizadores e como estas favorecem determinadas visões de docência. São pesquisas que, explorando um repertório específico, exemplificam como as imagens transmitem discursos e significados sobre os sujeitos, quer sejam as crianças ou os profissionais responsáveis pela própria formação.

Um mundo "encanta/dor" nas visualidades da educação infantil

Esta pesquisa, iniciada em 2010 e concluída em 2012, pretendeu questionar como as imagens do setor infantil da Escola Básica da UFPB – do Campus I – eram exploradas e que significados poderiam ser depreendidos na perspectiva do discurso pedagógico.

Optou-se por deixar as imagens falarem sozinhas, sem a necessidade de evidenciar as intenções de quem as produziu. O discurso pedagógico não é apenas falado e escrito. Materializa-se, expande-se, repete-se, provoca-se, incita-se e se transforma pelas imagens. O discurso explora variadas possibilidades de materialização.

As imagens são dispersões do discurso pedagógico. Evidenciam os conflitos, os valores culturais e as fissuras ou brechas que podem levar às mudanças educacionais. As imagens alimentam, derivam e compõem um cenário da produção visual em diferentes momentos históricos. As visualidades são os modos de produzir e de interpretar as imagens pelos sujeitos em diferentes épocas e lugares. São regimes de enunciação visual ou os modos como passamos a ver, pensar, dizer, agir e fazer de determinada maneira e não de outra, ao interagir com as imagens.

A Escola Básica, do Campus I, da UFPB, foi fundada em 21 de setembro de 1988. Sua escolha justifica-se porque é a única tutelada e mantida pela UFPB há aproximadamente 27 anos. Recentemente, passou a atender da Educação Infantil ao Ensino Fundamental I. Até o momento da pesquisa, não contava com professores de Artes habilitados em seus quadros, apenas com professoras formadas em outras áreas, como Pedagogia e Letras (NASCIMENTO *et al.*, 2011).

Visualidades como um discurso pedagógico e os significados possíveis

As imagens expostas na Escola Básica da UFPB ocupam uma posição de destaque nas atividades educacionais. As paredes são repletas delas, as quais fornecem importantes "pistas" para se compreender o discurso pedagógico. As imagens ajudam a compor o currículo e a "decorar" o ambiente escolar.

Para Bernstein (2001. p. 188), o discurso pedagógico é também desenvolvido por regras de comunicação especializada, mediante as quais os sujeitos são criados de

forma seletiva. Insere um discurso de competência (habilidade de diversos tipos) e de ordem social. É uma apropriação de outros discursos, que são postos em uma relação mútua, com os efeitos de transmissão e de aquisição seletivas pelo sistema pedagógico.

As maneiras de escolher, produzir e expor as imagens são afetadas por uma regularidade, persistência e abrangência. O contexto de reprodução educacional tem como objetivo geral posicionar os sujeitos - professores e alunos - em relação a um conjunto de significados e de relações sociais, formando um "código pedagógico".

A exposição de imagens em espaços escolares não é algo recente. O método intuitivo, por exemplo, difundido no manual *Primeiras lições de coisas*, de Norman Calkins, traduzido por Rui Barbosa e publicado em 1886, no Rio de Janeiro, incentivou o uso de imagens. No método intuitivo, as paredes das salas de aulas eram repletas de imagens. Os manuais indicavam, passo a passo, os objetos, as imagens a serem apresentadas e os conceitos a serem desenvolvidos (NASCIMENTO, 2010, p 69).

Imagens e visualidades na Educação Infantil da Escola Básica da UFPB

Na Escola Básica da UFPB, as imagens compunham um "cenário de visualidades". Apesar de estarem relativamente alinhadas, as diferentes cores dos suportes em papel e das imagens davam certa impressão de desordem ou de uma aparente poluição visual (fig. 1).

Imagens expostas nas salas e nas portas dos banheiros da EB/UFPB
Arquivo do autor

Nesta instituição, as imagens também estão nos corredores e em outros espaços. Algumas servem para identificar as portas dos banheiros e das salas de aulas; outras estão expostas num painel na entrada, que dá acesso ao pátio. Nas entradas dos banheiros eram usadas duas imagens de crianças estereotipadas (fig. 1). Na frente do sanitário masculino, encontrava-se a imagem de um menino sorridente, de pele rosada, olhos azuis, cabelos lisos, curtos e pretos, vestido com uma camisa vermelha e uma bermuda azul. No banheiro feminino havia a imagem de uma menina loira, de pele também rosada, olhos azuis e com uma expressão de felicidade no rosto. Ela veste uma blusa verde, com cinco corações vermelhos, e uma saia de cor rosa com duas flores na cor laranja, que combina com um cinto de mesma cor. Estas imagens, de menino e de menina, reforçam uma visão de felicidade, de masculinidade e feminilidade, associada com determinado tipo étnico e padrões de cores. Mostram uma infância pouco afeita à diversidade.

No painel, próximo ao pátio, que dá aceso ao “parquinho de diversão”, e, em outro, pintado em uma das salas de aula, encontram-se imagens de crianças loiras, brancas, negras e uma cadeirante brincando, junto com números e algumas letras do alfabeto (Figura 2), dando uma “leve” indicação de diversidade.

Painéis expostos no pátio e em uma das salas de aula na EB-UFPB, 2010
Arquivo do autor

As imagens, que estão no pátio e nos corredores, demonstram terem sido produzidas por adultos. Na Educação Infantil, as professoras costumam ser as principais protagonistas na produção das imagens. Elas também julgam e decidem o que deve ser exposto, agindo como transmissoras culturais. As imagens, que

estavam dentro das salas de aula, eram feitas simultaneamente pelo professorado e pelos estudantes; algumas era elaboradas por alunos, sozinhos ou em grupo, mas sob a supervisão da professora. Observa-se que a relação entre transmissores e adquirentes varia de acordo com o espaço onde a imagem é exposta.

Em relação às imagens na Educação Infantil, o estudante tende mais a ser um "adquirente" do que um transmissor, função predominantemente exercida pelo professorado. Bernstein (2001, p. 75 e 177) também afirma que o processo de aprender como ser transmissor e adquirente envolve a aquisição de regras de ordem, caráter, segregação e normatização social. Definem um modo de fazer, de difundir valores e modos sociais de interpretar. É um discurso repetitivo com a intenção de fixar os "conteúdos" e as normas nos adquirentes.

Um mundo encanta/dor de imagens na educação infantil

É bastante visível o uso de algumas imagens para normatizar as crianças. Em geral, são imagens pré-fabricadas, do ponto de vista editorial, e outras confeccionadas pelas professoras. Os cartazes, que tentam disciplinar as crianças, contém imagens e palavras escritas, que se complementam, reforçando o mesmo significado. Estas imagens enfatizam a obediência das crianças às normas da escola.

Chamou a atenção o cartaz "Combinados". Apresenta letras "bem desenhadas" pela professora e a prescrição de normas, redigidas como se fossem os "10 mandamentos". Na parte de baixo, encontravam-se oito colagens de imagens dos personagens do jogo de videogame do Mário. As ordens são as seguintes: [1] não fazer gracinhas; [2] não conversar; [3] não brigar; [4] não gritar; [5] Esperar a vez de falar; [6] não brincar; [7] não provocar o colega; [8] respeitar a professora; [9] não apelidar o outro e [10] não falar coisas fora do assunto. Para atender as expectativas expostas no cartaz, a criança precisa ser extremamente obediente, passiva, inerte e sem qualquer iniciativa. Como se deseja fazer com que as crianças gostem da escola se as tratamos de forma tão restritiva?

O uso de imagens mimeografadas e estereotipadas reforça a ilusão de que a escola faz parte de um "mundo encanta/dor". É repleto de seres irracionais e objetos inanimados, alguns extraídos de desenhos animados, que falam, sentem,

expressam sentimentos e ganham características personificadas. Transmitem uma visão de felicidade, de "encantamento", exigindo, de forma explícita ou velada, a obediência rigorosa das normas. Eis porque usamos a palavra "encanta/dor", para enfatizar um discurso, em imagens, repleto de "felicidade" e de "dor".

As imagens com a intenção de fixar os "conteúdos" escolares

Algumas imagens, expostas nas paredes das salas de aulas, podem ser caracterizadas como ilustração para "fixar os conteúdos. Tentam reforçar a aprendizagem das letras do alfabeto e dos números; outras têm a pretensão de comemorar as datas festivas.

Outras imagens, em menor número, utilizam as chamadas "obras de arte". Encontramos "releituras" de três diferentes obras da artista Tarsila do Amaral: Operários – colagem e pintura; urutu – escultura – e Abaporu – pintura de modelo pronto (fig. 3).

Na releitura da obra "operários", a atividade estava ao lado de uma reprodução da tela da artista. O objetivo era "relacionar às imagens de trabalhadores presente na obra com a origem das crianças da turma" (NASCIMENTO *et al.*, 2011, p. 609). As crianças desenharam a paisagem do fundo e colaram as suas fotos, imitando a composição da obra exposta. A professora escreveu, de próprio punho: "baseado na obra operários de Tarsila do Amaral".

Imagens com atividades de releitura na EB/UFPB
Arquivo do autor

Na “releitura” da obra bidimensional “O ovo” ou “urutu”, também de Tarsila, as crianças copiaram a obra, explorando o tridimensional, utilizando uma casca de ovo e massa de modelar. Causou espanto ver a obra “Abaporu”, transformada em desenho, pronto, para colorir. Este uso restritivo da releitura pode fazer com que a criança compreenda que é incapaz de desenhar e que só pode, em alguns casos, colorir.

Também encontramos imagens usadas para ilustrar alguma experiência vivenciada como “sugestão de temas”, com uma atividade intitulada “o meu dia de criança”. São desenhos feitos pelas crianças a partir de algum tema como a árvore, por exemplo.

Consideramos a importância da utilização de imagens, não só de obras de arte, mas também da publicidade, do cinema e da mídia, em geral, para ampliar o repertório visual das crianças, de modo que convivam com a diversidade.

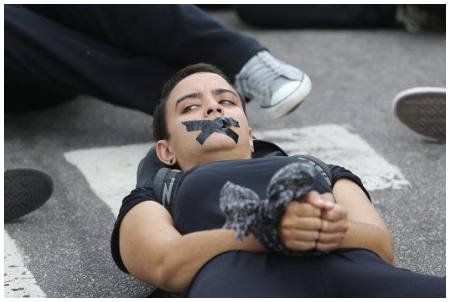
A pesquisa não pretendeu, em nenhuma hipótese, “culpar” as professoras da Educação Infantil, da Escola Básica da UFPB. A pretensão foi compreender como o discurso pedagógico, materializado em imagens, faz com que professoras e estudantes compreendam e atuem a partir de determinadas regras e convenções pedagógicas.

Como a criança está em um processo fértil de aprendizagem e de potencialidades cognitivas, expor e fazer atividades com tantas imagens, usadas como modelos prontos, pouco aproveitando a inventividade, pode limitar a inteligência. Parece ser notória também a dificuldade pedagógica para pensar e propor modos de ensinar e de aprender diferentes da tradição do discurso pedagógico nas instituições de Educação Infantil.

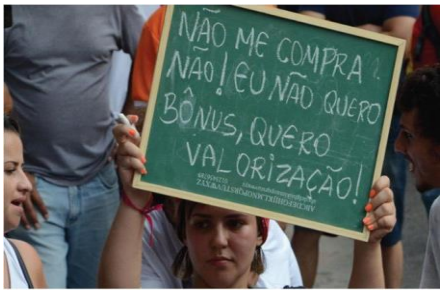
Esta pesquisa detecta a necessidade de uma urgente formação inicial e continuada destinada às professoras de Educação Infantil, focada nas potencialidades das imagens e suas relações com os sujeitos. Uma formação que seja capaz de agregar inventividade e diversidade na exploração educacional e artística das imagens, potencializando e incentivando a instigante inteligência das crianças.

Imagens da docência: outros modos de ver, ver-se na e fazer ver a profissão

A mídia brasileira tem feito circular imagens de docentes que resistem a aceitar a precária situação educacional brasileira como uma fatalidade, posicionando-se publicamente, manifestando sua expressão pessoal (fig. 4), a compreensão do contexto profissional (fig. 5), como também se enfrentando à violência policial em momentos de reivindicação salarial (figs. 6 e 7).



Professora manifestando-se diante da Assembleia Legislativa (PR), Curitiba, 29 abr. 2015. Foto: Giuliano Gomes/Estadão Conteúdo



Greve dos Professores, São Paulo (SP), 13 mar. 2015.Foto: J. Duran Machfee / Estadão Conteúdo.

Greve dos Professores, Rio de Janeiro (RJ) 28 mai. 2014.Foto: Vladimir Platonow / Agência Brasil

Professora diante da Assembleia Legislativa (PR), Curitiba, 29 abri. 2015. Foto: Daniel Castellano/Gazeta do Povo/Estadão

Essas imagens contrastam com representações fabricadas no campo profissional do magistério, que tem posicionado as docentes na “ordem do coração” e não na “ordem da razão”, distanciando-as da participação democrática no domínio público, atrelando essa perspectiva cultural de identidade “às políticas neoconservadoras em andamento” (COSTA, 2006, p. 81–82). Consideramos que a docência nutre-se da e na ambiência social, daquilo que é valor na coordenada espaço temporal em que se constitui. A docência é uma construção social e histórica em meio às disputas de poder para sua definição, que carrega uma multiplicidade de sentidos. É por essa variedade de sentidos que nossa investigação debruça-se sobre os modos de ver a

docência, e também de se ver na docência, que circulam entre licenciandos da UFPB. Temos por objetivo dar visibilidade às representações visuais da docência, que estão se construindo entre licenciandos, em um contexto de desvalorização profissional e excesso de informação/imagens que afetam nossos modos de pensar, agir e aprender.

Este estudo nos permite refletir sobre a narrativa que vem se configurando sobre a docência, bem como as que fazemos circular, pois estas também fazem parte dos dispositivos de produção de subjetividades (GUATTARI, 1990). O que pode, ou não, ser considerado como docência? Quem pode, ou não, ser considerado docente? De que forma se pode, ou não, exercer a docência? O que se pode, ou não, aprender nessa experiência? Consideramos que temos a chance de refletir sobre as narrativas que fazemos circular e podemos narrar a partir de outro lugar. Entrevemos na Cultura Visual essa oportunidade, por compreendê-la como nossa condição cultural marcada pela relação com a tecnologia visual, que afeta como vemos a nós mesmos e ao mundo (MIRZOEFF, 2003). Por meio das imagens, buscamos compreender as transformações da profissão docente na contemporaneidade, como estão sendo construídas essas representações, a tentativa de fixar significados e como isso pode afetar o exercício profissional. Consideramos necessário discutir com os licenciandos os processos de significação da docência e de nossas relações com os demais e o meio ambiente em nossos espaços de aprendizagem. Quando as crianças chegam à escola trazem experiências que afetam suas construções cognitivas e que se referem aos conteúdos estudados na escola. Do mesmo modo os licenciandos também trazem representações sobre a docência, pois chegamos aos cursos de Licenciatura com uma identidade, uma biografia em construção alicerçada em nossas experiências de gênero, etnia e classe social (HERNANDEZ, 2005). Pensamos, como Garcia (2009) que o processo de formação dos licenciandos deve dar atenção às representações, crenças e preconceitos de discentes e docentes, pois estes afetam a aprendizagem da docência, possibilitando ou dificultando as transformações. Fazer emergir e circular as representações sobre a profissão pode levar ao questionamento de nossas ideias e noções sobre essa prática. É uma maneira de colaborar para a reflexão e construção de outros processos de identificação profissional.

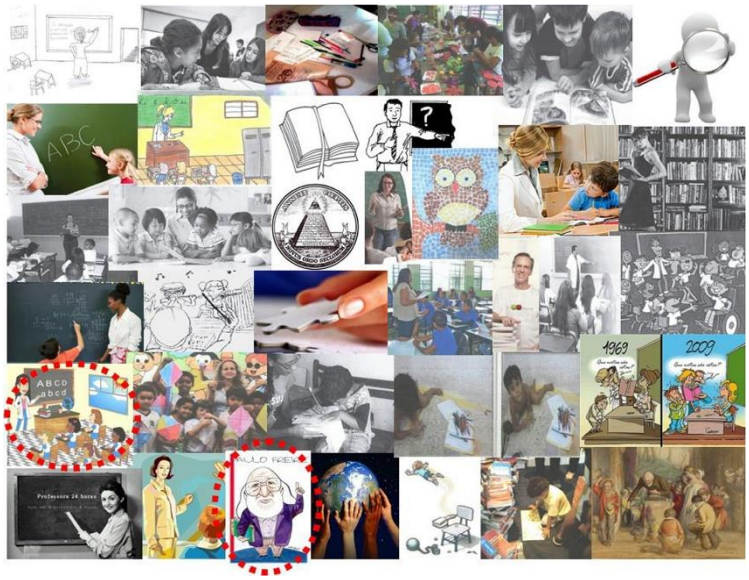
Nosso estudo aproxima-se da Investigação Baseada nas Artes (*Arts Based Research)*, situando-se no âmbito da Cultura Visual, para a qual as noções de visão - o processo fisiológico em que a luz impressiona os olhos - e visualidade - o olhar socializado - são fundamentais (MIRZOEFF, 2003). Pensar sobre a visualidade implica perguntar sobre de que modo vemos e também como somos capazes, autorizados ou levados a ver (JAY, 2003/2004). Tourinho (2009) denomina de visualidades comuns um campo de imagens de referência que compartilhamos num sentido semelhante ao senso comum, quando nos referimos a ideias, práticas, hábitos que nos aproximam.

Apresentamos, a seguir, nossos primeiros achados com licenciandos de Pedagogia e as visualidades que consideramos comuns e transgressoras. Por fim, nossas considerações transitórias.

Achados entre licenciandas de Pedagogia

Participaram da primeira coleta de imagens desta pesquisa 36 licenciandas e 2 licenciandos de Pedagogia, do quarto período do curso, no segundo semestre de 2013. No componente curricular Didática, trabalhamos a memória educativa das licenciandas em uma reflexão sobre a profissão, o profissionalismo e a profissionalidade (FARIAS et al, 2011). A produção do memorial abarca a linguagem verbal e visual. Na produção visual, a licencianda apresenta uma imagem que represente a docência, o exercício profissional. A imagem apresentada pelas licenciandas pode ser de autoria própria ou alheia, produzida a partir de qualquer técnica. Essas imagens são compartilhadas e interpretadas pelo coletivo. Na discussão coletiva não é necessário que a licencianda indique a imagem escolhida, a fim de não criarmos constrangimento para a mesma em função de possíveis estereótipos que possam emergir no grupo de discussão. A interpretação das imagens fundamenta-se na associação livre de palavras ou ideias. Nosso foco não está no que pensamos sobre essas representações, mas sim nas narrativas que essas imagens fazem circular e, a partir dessas imagens/narrativas, propor uma reflexão sobre o exercício da docência na contemporaneidade. Exploramos o modo pelo qual as narrativas favorecem determinadas visões de docência.

Das 38 imagens coletadas, 30 são de autoria alheia, sendo imagens disponíveis em revistas, sites da *Internet*, de conteúdo educacional. Somente uma imagem faz referência ao repertório da História da Arte. Dentre as oito imagens de autoria própria, quatro são fotografias; três desenhos, sendo dois em branco e preto e um em cores; uma colagem.



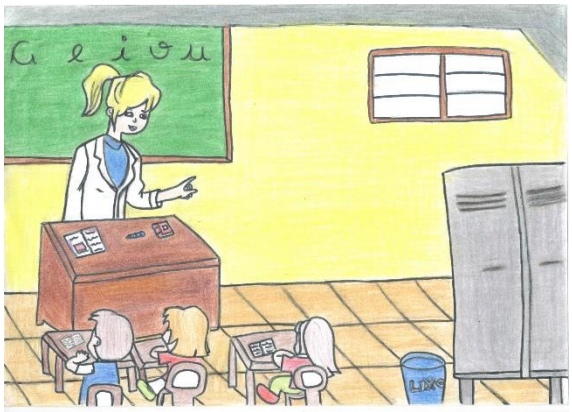
Representações da docência, Pedagogia 2013

Na figura 8 estão indicadas as duas imagens que foram apresentadas mais de uma vez. Das 38 imagens apresentadas, 34 aludem à figura humana e somente quatro são figurativas, sem referência direta à figura humana. A figura feminina, acompanhada ou não de crianças, predomina na representação da docência em 18 imagens (fig. 9).

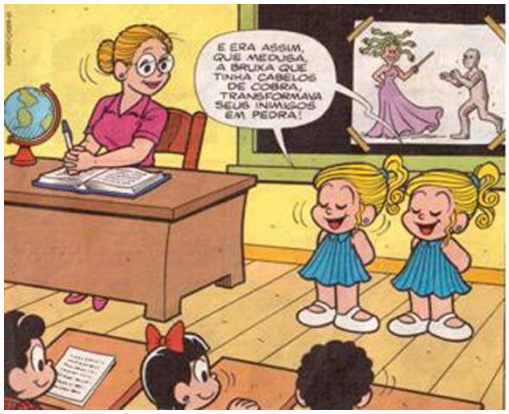
Representações femininas na docência, Pedagogia 2013

Visualidades comuns

Nossos resultados indicam a representação de uma mulher vestida sobriamente, frente a um quadro ou escrivaninha (fig. 10), muito próxima da imagem da Professora Marocas, personagem das Histórias em Quadrinhos de Maurício de Sousa (fig. 11), um popular artefato cultural destinado à infância que circula no Brasil.



Visualidade comum sobre a docência



Professora Marocas, Turma do Chico Bento, Mauricio de Sousa, 2007

Consideramos essas imagens como visualidades comuns (TOURINHO, 2009), que emergem no cruzamento das redes de significados compartilhados pelas licenciandas. Louro (2002) afirma que, no entrecruzamento dessas representações, algumas ganham a autoridade do óbvio, do senso comum, da autoevidência, que se chega a esquecer de seu “status de representação” socialmente construída. São

imagens que ditam um modo de exercer a docência e quem a exerce. As imagens com as quais as licenciandas de Pedagogia do século XXI identificam a profissão docente pouco rompem com os lugares comuns dos estereótipos destinados às professoras. Essas licenciandas são subjetivadas por imagens que reforçam uma determinada "pedagogia visual do feminino" (LOPONTE, 2008).

Visualidade transgressora

A imagem da Figura 12 causou um grande alvoroço durante a discussão coletiva com as licenciandas.

Bui Brothers, *Brainiac,* 2013

Durante a discussão coletiva emergiram argumentos como: "*é uma mulher muito sexy*", "*ela não pode entrar assim numa sala do terceiro ano*", "*ela está com os braços de fora*", "*o vestido é muito sensual*", entre outros. Recordamos ao grupo que solicitamos uma imagem que representasse a docência, ou seja, a profissão e não a profissional, a professora. Apesar de ratificarmos que estávamos discutindo sobre a representação da profissão, o argumento que, quantitativamente sobressaiu, foi o de que "*uma professora não deve vestir-se desse modo*". Ao questionarmos tal argumento, o grupo justificou o posicionamento afirmando que uma professora "*está para cumprir o ofício*". Indagamos os motivos pelos quais a vestimenta estaria

inadequada para o ofício e a justificativa foi a de que "*a professora deve ter os braços cobertos*". Questionamos as razões para os braços cobertos e o grupo justificou a necessidade dos braços cobertos pelo fato de que uma professora tem contato físico com crianças, pode pegar no colo, abraçar, daí a necessidade dos braços cobertos. Os argumentos apresentados pelas licenciandas apontam para as exigências de uma postura educacional assexuada na docência.

Apenas duas licenciandas, dentre 36 mulheres, levantaram argumentos em favor dessa representação para a docência. O primeiro argumento sinalizou que: "*essa mulher é uma intelectual, pois tem muitos livros, se as professoras assumissem o lado intelectual da docência e não o maternal, a profissão seria mais respeitada".* O segundo argumento girou em torno do reconhecimento social de determinadas profissões devido ao modo de vestir, pois "*se as professoras se vestissem bem, como essa mulher, seriam mais valorizadas*".

Considerações alcançadas

Apesar das múltiplas práticas e discursos sobre a docência, nem todos são considerados socialmente do mesmo modo. As representações de docentes que se posicionam pelo engajamento político sindical (Figuras 4, 5, 6 e 7), ainda pouco contaminam os discursos mais resistentes, como o da visualidade comum de docência generificada, muito presente entre as licenciandas de Pedagogia da UFPB. A partir das imagens coletadas podemos identificar que, quantitativamente, a visualidade comum da docência generificada, com a regulação do comportamento feminino no exercício da profissão, persevera na subjetivação das licenciandas. É uma visualidade que também encontramos muito presente em um artefato que integra o complexo aparato cultural e econômico do entretenimento infantil no Brasil.

Referências

BERSTEIN, B. *La estructura del discurso pedagógico.* 4 ed. Madrid: Morata / Paidéia, 2001.

COSTA, M. C. V. O magistério e a política cultural de representação e identidade. In: *O magistério na política cultural.* Canoas: Ed. ULBRA, 2006.p. 69-92

FARIAS, I. M. S. de, *et al. Didática e Docência*: aprendendo a profissão. 3 ed. Brasília: Liber Livro, 2011.

GARCIA, C. M. Desenvolvimento Profissional: passado e futuro. *Sísifo: Revista das Ciências da Educação*, n. 08, pp. 7-22, jan./abr. 2009.

GUATTARI, F. *As três ecologias*. Campinas, SP: Papirus, 1990.

HERNANDEZ, F. ¿De qué hablamos cuando hablamos de Cultura Visual? *Educação & Realidade*, v. 30, n. 2, p.9 – 34 jul. / dez. 2005.

JAY, M. Relativismo cultural e a virada visual. *Aletria Revista de Estudos de Literatura*. Volume 10/11, p. 14- 28, 2003/2004.

LOPONTE, L. G. Pedagogias visuais do feminino: arte, imagens e docência. *Currículo sem Fronteiras*, v.8, n.2, pp.148-164, jul./dez. 2008.

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, M. Del (org.); BASSANEZI, C. *Histórias das mulheres no Brasil*. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

MIRZOEFF, N. *Una introducción a la cultura visual*. Barcelona: Paidós, 2003.

NASCIMENTO, E. A. do. *Ensino do desenho*: do artífice/artista ao desenhista auto-expressivo. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.

NASCIMENTO, E. A. do; SOUZA, I. B. L. de; CAMARA, R. A. Faça arte, crianças! As artes visuais na Educação Infantil da Escola Básica da UFPB. 20 ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS. Rio de Janeiro. *Anais do 20 Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas*. Rio de Janeiro: ANPAP, 2011. Disponível em: http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/ceav/idalia_beatriz_lins.pdf

TOURINHO, I. Visualidades comuns, mediação e experiência cotidiana. In: BARBOSA, A. M.; COUTINHO, R. G. (orgs.) *Arte Educação como mediação cultural e social.* São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 269-284.

Erinaldo Alves do Nascimento
Doutor em Artes pela ECA-USP, mestre em Biblioteconomia pela UFPB e graduado em Educação Artística pela UFRN. Professor Associado do Departamento de Artes Visuais – UFPB – e do Mestrado em Artes Visuais da UFPB/UFPE. É autor do livro “Ensino do desenho: do artífice/artista ao desenhista auto-expressivo” (2010). Integra o Grupo de Pesquisa em Ensino das Artes Visuais (GPEAV/UFPB) e o Grupo de Pesquisa em Educação e Visualidade, da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Maria Emília Sardelich
Doutora em Educação, professora adjunta, Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Centro de Educação (CE), Departamento Metodologia da Educação. Atua na área de Didática, cursos de Licenciatura, modalidades presencial e a distância. Integra o Grupo de Pesquisa em Ensino das Artes Visuais (GPEAV/UFPB). Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV/UFPB/UFPE).